

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O CINEMA E CONRAD, CONRAD E O CINEMA (II)
8 de abril de 2025

VICTORY / 1996

Um filme de Mark Peploe

Realização: Mark Peploe / *Argumento:* Mark Peploe, Frederick Seidel, a partir do romance homónimo de Joseph Conrad / *Montagem:* Michael Bradsell, Tony Lawson / *Produção:* Simon Bosanquet / *Produção Associada:* Chris Auty / *Produção Executiva:* Yves Attal, Jeremy Thomas, Ingrid Windisch / *Coprodução Executiva:* Bob e Harvey Weinstein / *Música:* Richard Hartley / *Casting:* Celestia Fox / *Design de Produção:* Luciana Arrighi / *Direção Artística:* Dieter Dohl, Errol Kelly, Nandi Mongarfa, Tom Nursey, Andrew Sanders (supervisor) / *Guarda-roupa:* Louise Stjernsward / *Interpretações:* Willem Dafoe (Axel Heyst), Sam Neill (Mr. Jones), Irène Jacob (Alma), Rufus Sewell (Martin Ricardo), Jean Yanne (Mr. Schomberg), Ho Yi (Wang), Bill Paterson (Capt. Davidson), Irm Hermann (Mrs. Schomberg) / *Cópia:* Digital (Scope), a cores, falada em inglês e em francês com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 99 minutos / *Estreia Mundial:* 13 de dezembro de 1996, Polónia / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Aviso: a cópia digital que exibimos apresenta uma resolução de som e, acima de tudo, de imagem aquém do desejado, razão pela qual apresentamos as nossas desculpas.

Axel Heyst (Willem Dafoe) é o típico herói conradiano: alguém que, numa ilha perdida da Indonésia, passou de sonhador a eremita, isolando-se do mundo (verdadeiramente selvagem) regido pelas leis de Homens ditos civilizados. Uma visita à cidade portuária de Surabaia vai operar nele uma transformação muito significativa, quando, num bar de alterne gerido por um asqueroso chulo e traficante de mulheres, com a alma cravejada de antissemitismo, de nome Mr. Schomberg, dá de caras com Alma (Irène Jacob) e, acima de tudo, assiste, perplexo, ao modo como esta é tratada: mera mercadoria sujeita a todo tipo de maus-tratos. Heyst é atraído por Alma movido por um sentimento pio de paixão antes de impulsionado pelo desejo de a possuir sexualmente. Este dado é muito importante para se perceber o que estará em jogo, do ponto de vista da sua tessitura moral, na narrativa de **Victory**, tanto neste filme de Mark Peploe como no romance que lhe está na base com assinatura de Joseph Conrad.

Victory: An Island Tale (1915) estará entre os romances mais adaptados e reverenciados pela grande indústria cinematográfica, distinguindo-se, entre as adaptações mais importantes, obras com a assinatura de Maurice Tourneur, ainda no período mudo/surdo, e, já na era do sonoro, de William Wellman e John Cromwell. Peploe, realizador de curtos pergaminhos comparativamente aos seus créditos como argumentista (um dos preferidos de Bernardo Bertolucci, com quem colaborou por três vezes, tendo obtido um Óscar por **The Last Emperor** em 1988), assina aquela que é a última adaptação de monta dessa obra de Conrad, uma produção multinacional, dividida entre o Reino Unido, França, Alemanha e Estados Unidos, que reuniu todas as condições para poder vir a ser a derradeira e definitiva vitória na empreitada de, mais uma vez, se transpor para o grande ecrã essa grande tragédia romântica.

O que acabou por resultar foi aquilo que os arautos da Nouvelle Vague criticavam relativamente à geração anterior de cineastas e argumentistas (os primeiros à mercê dos segundos): Peploe é relativamente fiel ao texto original, mas comete a falta ou o erro de não capturar o espírito dessa escrita, na sua atmosfera e temas mais escondidos. Ora, o primeiro grande tema subjacente ao *plot*,

que apenas vislumbramos, como um lampejo, nas entrelinhas desta adaptação cinematográfica, diz respeito a uma espécie de jogo de caracteres que vai envolver os dois protagonistas: Heyst é quase um santo (como referi, movido pela paixão e não pelo desejo carnal ou material), ao passo que Alma, a mulher que ele salva e “adota”, é uma mulher esquiva, sujeita – e, com isso, habituada – à lei da sobrevivência. O que está à frente é “minado” por aquilo que está atrás: o que achamos que Heyst e Alma são não é necessariamente aquilo que o primeiro suspeita que a segunda seja de facto e vice-versa. Quando Heyst diz que “nunca amou nenhuma mulher na vida”, pouco depois de desfazer rumores sobre o seu passado de malfeitor e assassino, a Alma é passada a responsabilidade – aos olhos de quem: do narrador? Do leitor/espectador? De Deus? – de se mostrar uma mulher diferente do que (possa) aparenta(r) ser. Ou não. O *suspense* do filme radica num conflito permanente entre o que os protagonistas revelam sobre a sua verdadeira natureza (intenções e desejos) e aquilo que – muitas vezes vítimas de rumores e maledicência da comunidade – aparentam ser ou é esperado, estereotipicamente, que sejam. O destino reservado a Alma – é aí que radica a sua “vitória” – joga-se de maneira decisiva nessa ação de tornar evidente não só a sua natureza como as suas intenções – a inclinação do coração – para com Heyst. Enfim, eis Alma livrando-se da lei da sobrevivência, que a enredara até aí, para abraçar uma outra: a dos sentimentos.

Como se pode ler nas poucas e reservadas críticas escritas sobre este filme, que teve um trajeto discretíssimo no circuito comercial e foi, de facto, recebido com grande frieza da globalidade da crítica, o principal pécado de Peplow foi o de não ter aprofundado – e seguido a pista – desse enredo de enganos e traições subliminares, nem tão-pouco ter ousado potenciar a dimensão não só trágica/romântica/erótica como deliciosamente perversa da prosa conradiana. Por exemplo, William Wellman, no seu **Dangerous Paradise** (1930), converteu-a numa notável, *nonchalante*, comédia sexual, com Nancy Carroll encarnando uma Alma cheia de... alma (trocadilho preguiçoso com que aproveitou para esclarecer que, no romance de Conrad, a personagem feminina é inglesa, e não francesa como aqui, e responde pelo nome de Lena). Jacob é tão insípida e “estática” como Dafoe é dramaturgicamente liso e demasiado transparente nas suas intenções. A falta de química entre ambos é, digamos, outro problema que terá justificado o fracasso comercial desta produção (esteve algum tempo na prateleira até ter tido distribuição no Reino Unido).

Teria sido interessante conceber o mesmo filme a partir de uma troca de papéis: Sam Neill por Willem Dafoe, por exemplo, já que o vilão interpretado pelo ator britânico tem a capacidade de nos fazer questionar, de maneira mais convincente, sobre as suas reais intenções. De resto, tudo nas ações dos protagonistas é previsível, sendo que não perdemos tempo a desconfiar dos sinais emitidos por Peplow e pela sua atriz relativos à possível traição de Alma nem de que Heyst possa ser, afinal, quem os outros dizem que ele é (enfim, um homem que já matou e já amou). Sobra a paisagem (o filme foi rodado, de facto, na Indonésia) e a sempre significativa lição de que nenhum paraíso está imune aos perigos lançados pelo “outro”. E que nenhum Homem é uma ilha.

Luís Mendonça